

Fundamentalismo, terrorismo, genocídio



Por **LEONARDO BOFF***

Não é mais uma guerra do forte contra o fraco, mas crimes de guerra e de real genocídio por parte do forte

No dia 7 de outubro assistimos um ato terrorista contra Israel, perpetrado pelo grupo armado Hamas da Faixa de Gaza, grupo este que é também uma forma convencional de organização civil da sociedade que administram. A retaliação pelo Estado sionista de Israel, sob Benjamin Netanyahu, foi tão assimétrica e desproporcional que, segundo a própria ONU, representa um verdadeiro genocídio do povo palestino da Faixa de Gaza com a morte de milhares de crianças inocentes, de civis e da destruição de grande parte das casas. Criou-se um Estado terrorista. Grassa pelo mundo afora uma onda de fundamentalismo, associado ao terrorismo e, em sua forma extrema, ao genocídio. Começemos com o fundamentalismo.

O fundamentalismo não é uma doutrina mas “uma maneira excludente de ver a doutrina”. O fundamentalista está absolutamente convencido de que sua doutrina é a única verdadeira e todas as demais, falsas. Não tendo direito, podem e devem ser combatidas. Quando alguém se considera portador de uma verdade absoluta não pode tolerar outra verdade e seu destino é a intolerância que degenera em desprezo pelo outro, agressividade e eventualmente guerra.

Ocorre com parte do judaísmo que se chama sionismo que pretende um Estado só de judeus. Este diz que a terra da Palestina foi por Deus entregue aos judeus e este teriam o direito de um Estado exclusivamente deles. Em função disso, ocupam terras da Cisjordânia, expulsam seus habitantes árabes, tomando-lhes as casas e tudo que está dentro. O sonho do sionismo-raiz se propõe criar um Estado judaico do tamanho do tempo do rei Davi. Uma parte dos palestinos e dos árabes da região acreditam ter o seu direito secular e recusam reconhecer Israel como Estado por ser usurpador. Declaram o propósito de defender e recuperar suas terras expropriadas e para isso se armam e praticam atos de violência, chegando ao terror como resposta ao terror dos radicais judeus que sofrem já há 75 anos.

Quais as características do terrorismo? A singularidade do terrorismo consiste na “ocupação das mentes”. Nas guerras não bastam os bombardeios aéreos, como se vê nos centenas de raids aéreos israelenses. Precisa-se ocupar o espaço físico para efetivamente se impor. Assim foi no Afeganistão e no Iraque e agora na Faixa de Gaza por parte do exército israelense. No terror não. Basta ocupar as mentes com ameaças que produzem medo, internalizado na população e no governo. Os norte-americanos ocuparam fisicamente o Afeganistão dos talibãs e o Iraque de Saddam Hussein. Mas a Al-Qaeda ocupou psicologicamente as mentes dos norte-americanos. O então ainda vivo Osama Bin Laden, no dia 8 de outubro de 2001 proclamou: “A partir de agora, os EUA nunca mais terão segurança, nunca mais terão paz”.

Para dominar as mentes pelo medo o terrorismo segue a seguinte estratégia: (i) os atos têm de ser espetaculares, caso contrário, não causam comoção generalizada; (ii) apesar de odiados, devem provocar estupefação pela sagacidade empregada; (iii) devem sugerir que foram minuciosamente preparados; (iv) devem ser imprevistos para darem a impressão de serem incontroláveis; (v) devem ficar no anonimato dos autores (usar máscaras) porque quanto mais suspeitos, maior o medo; (vi) devem provocar permanente medo; (vii) devem distorcer a percepção da realidade: qualquer coisa diferente pode configurar o terror. Um árabe num avião, facilmente, é visto como terrorista e são acionadas as autoridades. Depois,

a terra é redonda

vê-se que era um simples cidadão.

Formalizando: “terrorismo é toda violência espetacular, praticada com o propósito de ocupar as mentes com medo e pavor”. Além da violência, o que se busca é seu caráter espetacular, capaz de dominar as mentes de todos. De modo geral, o terrorismo é a guerra dos fracos, dos sempre dominados e humilhados. No limite, como atualmente na Faixa de Gaza, não lhes resta outra alternativa senão resistir e cometer atos de violência. A resiliência possui seus limites.

Tememos que, após a violência genocida de Israel na Faixa de Gaza ceifando tantas vítimas inocentes, especialmente de milhares de crianças, de mulheres e também de civis, ocorram pelo mundo afora atos de terror contra os judeus ou mesmo irrompa um anti-semitismo, semitismo que não deve ser identificado com o sionismo-raiz.

Deus nos livre deste horror que suscita o espírito de vingança e a espiral da violência assassina. Dada a virulência que os países militaristas aplicam àqueles que se opõem a eles, bem representados pelos estadunidenses, teme-se que o terrorismo se transforme numa manifestação em muitos países dominados. Ele não nasce em si. É explosão de uma dominação e humilhação tão desvairada (violência primeira) que não veem outra alternativa senão se rebelar, alguns se fazerem homens-bombas e praticarem atos de terror (violência segunda).

A resposta dos países dominadores é revidar de forma mais violenta ainda, fazendo guerras híbridas e absolutamente assimétricas com as armas mais modernas, matando indiscriminadamente pessoas, arrasando-lhes as casas e cometendo verdadeiros genocídios, no sentido de assassinar crianças e idosos que nada tem a ver com a guerra, destruir templos, hospitais, escolas e centros de cultura. Não é mais uma guerra do forte contra o fraco, mas crimes de guerra e de real genocídio por parte do forte.

***Leonardo Boff** é teólogo, filósofo e escritor. Autor, entre outros livros, de Fundamentalismo, terrorismo, religião e paz (Vozes).

A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.

Ajude-nos a manter esta ideia.

[CONTRIBUA](#)